



# Parada do Orgulho LGBT 2021

Reunião MOPAIDS





LANÇAMENTO OFICIAL DA

## 25ª PARADA DO ORGULHO LGBT DE SÃO PAULO

**DATA: 03/03**  
**HORÁRIO: 19H**

Realização:



Parceria:



Live de lançamento oficial da  
25ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo

Participação do FOAESP e MOPAIDS





# 25<sup>a</sup> PARADA DO ORGULHO LGBT DE SÃO PAULO

# HIV/AIDS

# AME +

# CUIDE +

# VIVA +

Realização



## HIV/Aids: ame + cuide + viva +

Em 2020, o mundo curvou-se diante da descoberta de um novo coronavírus, que interrompeu sonhos, vidas e mexeu com o cotidiano de bilhões de pessoas ao redor do planeta. Aprendemos a enxergar pessoas por trás do amontoado de números estatísticos de óbitos, conhecidas, anônimas, próximas ou distantes. Infelizmente, a pandemia da Covid-19 ainda não acabou, apesar de caminhar para uma solução, graças às vacinas desenvolvidas em tempo recorde. Mas essa pandemia, mesmo sendo a maior dos últimos 100 anos, não é a única crise sanitária que enfrentamos e precisamos nos preocupar. Neste ano, completamos 40 anos de convivência com a epidemia de HIV/Aids, que continua infectando pessoas e tirando milhares de vidas a cada ano, conhecidas, anônimas, próximas ou distantes, incluindo uma expressiva parte da população LGBT+. É por esse motivo que o tema da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo 2021 será **HIV/Aids: ame +, cuide +, viva +**.

Embora não se propague pelo ar, pela saliva, pelo toque ou pelo beijo, como acontece com o vírus da Covid-19, o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) é cercado de estigmas e preconceitos desde 5 de junho de 1981, quando foi publicado o primeiro diagnóstico, nos Estados Unidos, de cinco homens com Aids (doença causada pelo HIV, que interfere na capacidade do organismo de combater infecções e outras doenças). Tristemente, esse medo, o preconceito e a discriminação também estão entre as pessoas LGBT+, o que nos tem afastado de nós, de um debate tão necessário e de cobranças urgentíssimas. Mas nem sempre foi assim.

No início, por ter sido identificada entre homens gays, a Aids foi imediatamente associada à homossexualidade masculina, chegando a ser chamada de câncer gay e peste gay. A reação foi a união entre gays e lésbicas com manifestos, protestos e ações que ficaram para a história do movimento gay norte-americano, e serviria de modelo para outros países. Um dos objetivos era combater e reduzir o estigma e a discriminação, causada pela desinformação e o discurso religioso, disseminado para fortalecer a ideia de culpa e de pecado sobre a natureza da nossa sexualidade. O outro era reivindicar por medicamentos e pesquisas para encontrar uma cura, que ainda não veio.

Em 1982, quando surgiram os primeiros casos de Aids no Brasil, membros da comunidade homossexual, que já se organizava no país, tiveram papel fundamental no desenvolvimento das primeiras políticas públicas de enfrentamento à epidemia. O próprio reconhecimento das pessoas transexuais e travestis no Brasil se deve, entre outros fatores, ao movimento em torno da epidemia de HIV/Aids, cujo tema dava abertura para as falas de existência delas. Logo, não é exagero afirmar que, assim como ocorreu nos Estados Unidos e em outros países, a comunidade LGBT+, ou parte dela, contribuiu para a formação do atual movimento HIV/Aids. Ao mesmo tempo, os incentivos vindos das políticas públicas para HIV/Aids fomentaram e fortaleceram a organização do movimento LGBT+.

Logicamente, a pauta HIV/Aids não é exclusiva da população LGBT+. Desde os primeiros anos da epidemia, sabe-se que a dinâmica de transmissão do HIV está muito mais relacionada às vulnerabilidades acumuladas por uma pessoa, e fatores de comportamento de risco ao qual muitas são submetidas, do que ao simples fato de pertencer a um grupo específico. No entanto, seria leviano não considerarmos esse tema prioridade para a nossa comunidade quando analisamos os dados.

Segundo o Boletim Epidemiológico de 2019 do Ministério da Saúde, 42% do total de quase 250 mil novas infecções, ocorridas entre os anos de 2007 e 2019, foram entre homens gays ou outros homens que fazem sexo com homens, mulheres transexuais e travestis. O mais alarmante é quando a mesma fonte registra anualmente, desde 2016, mais de 40 mil novas infecções pelo HIV. Outros números que nos dão uma visão mais global do problema vêm do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (Unaids). Em 2019, havia 38 milhões de pessoas vivendo com HIV no mundo, cerca de 1,7 milhão se infectaram naquele mesmo ano, ao mesmo tempo em que 690 mil morreram por doenças relacionadas à Aids.



Gravação está disponível no canal da Parada:  
<https://www.youtube.com/paradasp>



OBRIGADO! ;)

